

SHOBOGENZO

# GYOJI

---

COMENTÁRIO AO CAPITULO

SESHIN MESTRE TOKUDA

---

PARIS MARÇO 2002

# TEISHÔ nº1

---

Estou desolado de ter chegado atrasado neste *sesshin*. Depois do último *sesshin*, fui para o Japão, voltei a Paris, e amanhã já vou novamente para o Brasil, onde acabei de passar uma semana. Acabei de chegar no aeroporto Charles de Gaulle e aqui estou.

Durante este *sesshin*, que é a continuação da “complexidade”, vamos falar do capítulo do Shobogenzo “Gyoji”, um capítulo muito comprido, em duas partes. Antes e depois da redação do “Gyoji”, houveram muitas mudanças na vida de Mestre Dogen. Vamos ler o começo deste capítulo, que não é uma introdução, mas um discurso que aborda diretamente a essência do despertar no *shobogenzo* através desta noção de *gyoji*.

(111) **Na grande verdade dos patriarcas Budistas**, existe sempre conduta (pura) e observância (de preceitos<sup>1</sup>) acima do que nada existe. Continua num ciclo sem quebras, de forma que não haja o menor intervalo entre o estabelecimento da mente, treinamento, bodhi e nirvana: conduta e observância é um ciclo contínuo. Por esta razão, é o não fazer que é forçado em nós e é o fazer que é forçado a partir de fora; é a conduta e observância *que nunca foi maculada*<sup>2</sup>. A virtude desta conduta e observância nos mantém a nós mesmos e mantém o mundo de fora. O alcance disto é que no momento de minha conduta e observância toda a terra e todo o céu através das dez direções são completamente cobertos pela virtude (de minha conduta e observância). Outros não sabem disto e eu não sei disto, mas assim é. Assim, através da conduta e observância dos budas e patriarcas, nossa própria conduta e observância é realizada e nosso próprio grande estado da verdade é penetrado; e através de nossa conduta e observância, a conduta e observância dos budas é realizada e o grande estado da verdade dos budas é penetrado. É devida à nossa própria conduta e observância que a virtude deste ciclo existe. Através deste meio, todo buda e todo patriarca fica em seu lugar como buda, transcende como buda, realiza a mente como buda e é realizado como buda, sem qualquer interrupção. Através desta conduta e observância, o sol, a lua e as estrelas existem; através desta conduta e observância, os quatro elementos e os cinco agregados existem. A conduta e a observância não são amadas por pessoas mundanas, mas pode ser um verdadeiro refúgio para seres humanos. Através da conduta e observância dos budas do passado, presente e futuro, os budas do passado, presente e futuro são realizados. Às vezes a virtude desta conduta e observância fica evidente, então a vontade surge e nós praticamos. Às vezes esta virtude não está aparente, então nem vemos, nem ouvimos nem sentimos isto. Apesar de não estar aparente, devemos aprender na experiência que não está oculta – pois não está maculada pelo encobrimento e revelação ou pela continuação e desaparecimento. Isto, no verdadeiro encobrimento do momento presen-

---

<sup>1</sup> (GYOJI). (GYO), “conduta” ou “prática”, pode ser interpretado como representando (BONGYO) que representa o Sânscrito *brahma-carya*, “conduta pura”. (JI), “manutenção” ou “manter”, pode ser interpretado como representando (JIKAI), “mantendo os preceitos”, ou “observando as regras de disciplina”. A frase (JIKAI-BONGYO) aparece, por exemplo, no cap. 1, *Bendowa*, para. (51). Alternativamente, (GYOJI) pode ser interpretado como “manutenção da prática”.

<sup>2</sup> (*katsu(tê)*) ZENNA (*se*) *zû*) quer dizer que não separação de meios e fins. O *Zazenshin* de Mestre Dogen, no cap. 27, diz, “Não há máculas”.

te, não compreendemos o que dharmas dependentemente originados existem na prática da conduta e observância que está realizando nós mesmos, é porque o apreender da conduta e observância nunca é um estado especial numa fase nova<sup>3</sup>. A originação dependente é a conduta e a observância: devemos duramente considerar e aprender na prática que isto é porque a conduta e observância não se originam dependentemente<sup>4</sup>. A conduta e observância que realiza tal conduta e observância é somente nossa própria conduta e observância no momento presente. O momento presente de conduta e observância não é a possessão original ou a moradia original de si mesmo. O momento presente de conduta e observância não parte de ou vem de, ou vai embora e entra, si mesmo. As palavras “o momento presente” não descreve algo que existe antes da conduta e observância: a realização da conduta e observância ela mesma é chamada “o momento presente”. Portanto, um dia de conduta e observância é a semente de todos os budas e é a conduta e observância pela qual todos os budas e é a conduta e observância de todos os budas. Deixar de praticar esta conduta e observância pelas quais todos os budas são realizados e pela qual suas condutas e observâncias são praticadas, é odiar os budas, é deixar de servir oferendas aos budas, é odiar a conduta e observância, é deixar de viver junto e morrer junto com os budas, é deixar de aprender com eles e experimentar o mesmo estado que eles. As folhas que se abrem e folhas que caem do presente são justamente a realização da conduta e observância. Não existe polir espelhos ou quebrar espelhos<sup>5</sup> que não seja conduta e observância. Portanto, se nós quisermos deixar de lado a conduta e observância, não observando a conduta e observância na esperança de ocultar a mente errada que quer evitar a prática da conduta e observância, mesmo isto é conduta e observância. Nestas bases, (contudo), intencionalmente objetivar pela conduta e observância apesar de parecer como a vontade da conduta e observância, é se tornar o filho miserável que jogou fora seu tesouro em sua terra natal de seu verdadeiro pai e depois perambulou perdido por terras forasteiras<sup>6</sup>. Durante a época em que perambulou perdido, os ventos e águas não fizeram com que perdesse seu corpo ou vida; contudo, ele não deveria ter jogado fora o tesouro de seu verdadeiro pai – pois isto é perder ou compreender erradamente, o tesouro do Dharma do pai verdadeiro. Assim, a conduta (pura) e observância (dos preceitos) é o Dharma que não é negligenciado sequer por um só instante.

Kusen (ensinamento durante o zazen). Como sempre, a coisa mais importante durante o zazen, é a expiração. Expire até o fim do sopro, até que se esvazie o sopro. Esta expiração deve ficar comprida. Eu peço que se concentrem nisto.

---

<sup>3</sup> A apreensão da conduta e observância é um estado de ação, não um estado de iluminação intelectual.

<sup>4</sup> Em outras palavras, a conduta e a observância é a realidade; “originação dependente” é somente uma explicação da realidade.

<sup>5</sup> (MAKYO), “polir um espelho”, quer dizer prática no estado Budista (ver, por exemplo, cap. 20, *Kokyō*). (HAKYO), “quebrando um espelho”, quer dizer se liberando do idealismo.

<sup>6</sup> Alude à parábola no *Shīngē (Crença e Compreensão)* capítulo do Sutra do Lótus, Ver SL 1.236.

## TEISHÔ nº2

---

Retomada da leitura de “Gyoji” (p. 129)

**Na grande verdade dos patriarcas Budistas**, existe sempre conduta (pura) e observância (de preceitos<sup>7</sup>) acima do que nada existe. Continua num ciclo sem quebras, de forma que não haja o menor intervalo entre o estabelecimento da mente, treinamento, bodhi e nirvana: conduta e observância é um ciclo contínuo. Por esta razão, é o não fazer que é forçado em nós e é o fazer que é forçado a partir de fora; é a conduta e observância *que nunca foi maculada*<sup>8</sup>.

Obrigado.

O texto original é um pouco diferente e diz: *Na grande via dos budas e patriarcas, existe sempre prática incessante, suprema, além do que não existe nada. Daido*, traduzido por Nishijima Roshi como “a grande verdade”, é, originalmente, “o grande caminho ou via”. No *daido*, *do* é o caminho, como em *butsudo*, “o caminho do Buda”: sempre no decurso de sua vida, o Buda nos demonstrou a prática de um buda e os patriarcas sucessivos no Dharma fizeram o mesmo de forma que isto se constitui num caminho, uma via. Parece-me pois que a tradução “via” é mais apropriada do que “verdade”; este via é o anel que liga as diferentes etapas entre o despertar do espírito de despertar, a prática e a realização (bodhi), o nirvana (a extinção), sem interrupção ou intervalo. Mestre Deshimaru comentou *gyoji* num livro intitulado *Dokan, o anel do caminho*.

Para Mestre Dogen, o espírito do espírito do despertar seguido pela prática é *gyoji*, a prática dos budas; não é a prática que nos conduz à iluminação (ou ao *kensho*), esta prática dos budas e patriarcas é a iluminação. Se bem que seja difícil de aceitar esta idéia, sentado no *zazen*, você é buda sem se esforçar para ser buda. Quando o espírito do despertar se manifesta em você, e você começa a praticar, a querer se tornar um praticante ou mesmo um monge budista, estas decisões claro que pertencem a você, mas algo de mais vasto age através de você; se bem que a vontade seja necessária para agir, e é algo inegável, algo traz você e faz com que pratique. O mais difícil é ultrapassar esta idéia de ego que faz você dizer: Eu pratico; Eu faço; Eu obtenho... Se você rejeitar esta idéia de ego, de um eu separado dos outros, então começa a praticar – simplesmente praticar – e tudo se torna fácil. Para os Ocidentais, habituados a praticar o *zazen* de maneira intermitente, é difícil aceitar as regras do mosteiro. No Japão, quando o mestre diz: “Faça assim” fazemos “assim”, mas se pedimos aos Ocidentais de “fazer assim”, invariavelmente eles respondem: “Por que fazer assim?”. Entretanto, a melhor forma de entrar verdadeiramente é fazer como nos pedem; aceitar somente depois de ter compreendido é um freio para nossa prática.

---

<sup>7</sup> (GYOJI). (GYO), “conduta” ou “prática”, pode ser interpretado como representando (BONGYO) que representa o Sânscrito *brahma-carya*, “conduta pura”. (JI), “manutenção” ou “manter”, pode ser interpretado como representando (JIKAI), “mantendo os preceitos”, ou “observando as regras de disciplina”. A frase (JIKAI-BONGYO) aparece, por exemplo, no cap. 1, *Bendowa*, para. (51). Alternativamente, (GYOJI) pode ser interpretado como “manutenção da prática”.

<sup>8</sup> (*katsu(tê)*) ZENNA (*se*) *zen* quer dizer que não separação de meios e fins. O *Zazenshin* de Mestre Dogen, no cap. 27, diz, “Não há máculas”.

No “grande caminho”, “grande” (em Sânscrito maha como em maha muni) não tem unicamente o sentido de “grande”, mas também de “supremo”, “preciso”, “correto”, “justo” (em relação a “errado”), “puro”, “infinito”, o que quer dizer que não existe contradição, não há obstáculos, não há objetivo. É “o grande caminho”, e este caminho continua até o presente, sem interrupções. Desde o começo da prática até agora, quantos anos, quanto tempo, você dedicou à sua prática?

A transmissão do *Dharma* pode se fazer de forma direta entre mestre e discípulo como foi o caso entre o quinto patriarca, Hung-jen e Hui-neng. Depois de ter recebido a transmissão, nada se opõe a que se permaneça no mosteiro onde vivemos com o mestre para se tornar seu sucessor, mas historicamente, constatamos que a maioria dos monges que recebeu a transmissão do *Dharma* partiu para fundar um templo ali onde o *Dharma* não existia porque eles tinham a força de fazer isto. Aquele que pratica constantemente já é um buda. Se, de forma constante, você mantém a prática, você já é um buda, você já é um sucessor. Onde está você? Você está aqui, “aqui” é o lugar onde você se encontra, é seu dojo. Mas existe um outro sentido um pouco mais complicado: o lugar onde você pratica sendo o lugar onde a prática se perpetua, isto o incumbe de o transmitir a outros, o que quer dizer estar ao mesmo tempo na sucessão e ser você mesmo a fonte da sucessão. Este aspecto de gyoji, da prática incessante do Buda, está hoje em dia ameaçado.

*Hosshin*, o espírito do despertar correto, é já a iluminação, mas não se trata de uma iluminação consecutiva ao espírito de despertar. Se alguém pratica num mosteiro, recebe o *shibo* e em seguida pára de praticar, o que seria este espírito de despertar? Ele nunca teve o espírito de despertar, porque neste espírito de despertar existe simultaneamente prática e realização. Se na prática de hoje, existe o espírito de despertar, amanhã será necessário novamente o espírito de despertar, e depois de amanhã será preciso novamente o espírito de despertar. Na prática, agora, existe simultaneamente o espírito de despertar e a realização. Mesmo se temos a iluminação, isto não acabou, ao contrário, é preciso prosseguir e manifestar novamente o espírito de despertar a fim de que esta prática seja como um anel. Numa época que o zen se tornou internacional, quem pratica assim nos dias de hoje? Há vinte ou trinta anos, Mestre Deshimaru já havia chamado atenção para a questão da transmissão, e eu mesmo sinto a mesma coisa. Hoje em dia, não se trata de “chamar atenção”, mas de estar consciente que a transmissão do Dharma entre Oriente e Ocidente, através deste buraco enorme, está prestes a se produzir.

“O grande caminho” é o caminho sobre o qual avançamos. “Grande” porque muitas, muitas pessoas o pegaram emprestado e continuam a fazer progressos neste caminho. É uma boa coisa, mas é preciso lembrar que das cinco famílias: Unmon, Igyo, Hogen, Rinzai e Soto, somente sobreviveram as escolas Rinzai e Soto. O que aconteceu com estas outras linhagens? Desapareceram. Entre Yun men, fundador da escola Unmon e a extinção desta escola, o que acham, quantas desapareções? A escola Igyo, com Mestre Isan e Mestre Kyo-zan, também desapareceu, bem como a escola Hogen. Se não tomarmos cuidado, nós também desapareceremos. Aquele que pratica o grande caminho não está jamais sozinho, sempre tem vizinhos, que não são forçosamente vizinhos em proximidade, mas que estão perto. Estes monges que possuem uma prática verdadeira sustentam a escola Soto. De fato, isto nada tem a ver com a complexidade... Ultrapassar o ego, ultrapassar sua prática, é, de algum jeito, provar a “auto-organização” que Mestre Dogen exprime na seguinte passagem de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 129).

(111) Por esta razão, é o não fazer que é forçado em nós e é o fazer que é forçado a partir de fora; é a conduta e observância *que nunca foi maculada*<sup>9</sup>.

Isto não vem nem do exterior nem do interior. O que é então? É o grão ou resíduo da grandeza do *Dharma*. Se você rejeitar corpo e mente em prol deste caminho, este grande caminho, então o *Dharma* lhe leva, o esforço e a vontade se tornam inúteis. É a prática pura. Esta prática pura não é algo de sujo que ficou branco, esta prática se mantém com uma pureza de cristal. Nos dias de hoje este tipo de prática é rara. É a razão pela qual eu repito que sentar em *zazen*, constantemente, com todas suas forças, é claro que é fundamental, mas não é suficiente para a transmissão do *Dharma*. Se não houver uma prática pura, não há nenhum sentido em continuar a associação Maha Muni. A idéia fundamental da associação Maha Muni é praticar assim. Continuar a prática está muito bem, mas continuá-la pelas gerações seguintes é completamente outra coisa, e além disto, não depende de você. Se a prática não for uma prática pura, não há sentido em continuar a associação Maha Muni e manter este nome que não é somente um nome, mas uma prática. Stéphane começou a dar *teishos* na Bélgica, na casa de Michel que tem um pequeno grupo que mantém contato com Paris. Enquanto Eitai-ji se aproxima dum momento crítico financeiramente, é a ocasião de montar “a grande prática” (*gyoji*). O grande momento crítico é também a grande chance de saber o que é sua prática. Nunca duvidem que com a prática vocês são budas e patriarcas.

Muito obrigado. Mais uma vez estou desolado com o atraso, mas no avião eu preparei este *teisho*.

---

<sup>9</sup> (*katsu(tô)*) ZENNA (*se*) *zû*) quer dizer que não separação de meios e fins. O *Zazenshin* de Mestre Dogen, no cap. 27, diz, “Não há máculas”.

## TEISHÔ nº3

---

(Retomada) da palestra de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 129)

(111) (...) A virtude desta prática incessante nos sustém e sustém o mundo externo. O que é importante no momento de minha prática incessante, é que toda a terra e o céu nas dez direções são completamente permeados pela virtude de minha prática incessante. Os outros não sabem disto, eu não sei disto, mas é assim que acontece. Também, pela prática incessante, do fato dos budas e patriarcas, nossa própria prática incessante é realizada; e nosso próprio grande estado de verdade é experimentado intimamente; e através de nossa prática incessante, a prática incessante dos budas é realizada e o grande estado da verdade dos budas é experimentado intimamente. É graças a nossa prática incessante que as virtudes deste ciclo existem. (...)

Neste extrato de “Gyoji”, Mestre Dogen fala de nossa própria prática, dos méritos ou das virtudes de nossa prática e também de *jijuyu zanmai* (“o *samadhi* de si mesmo”) que já encontramos no “Bendowa”, e onde está dito que uma pessoa, um monge, deixa seu trabalho, sua família para entrar na montanha e praticar. Alguns interpretam isto como sendo comportamento egoísta de alguém que quer fugir de suas responsabilidades. Nos Tibetanos, quando os lamas fazem retiros – é a questão do *samadhi* de si mesmo – muitas pessoas vêm ajudar, os encorajam, sustentam esta prática do *samadhi* de si mesmo nas montanhas. A prática do *samadhi* de si mesmo não é uma prática que se faz por si mesmo e para si mesmo, praticar o *samadhi* de si mesmo, é estar sentado com todo o universo.

Nos sutras, falamos às vezes de “florestas luminosas”, o que pode parecer estranho, mas constatamos às vezes que uma pessoa – um açougueiro ou um cassador – sentem-se como empurrados para este lugar e descobrem um monge sentado em *zazen*. Não creio que a floresta (ou a montanha) se tornem realmente brilhantes ou luminosas; ao contrário, estou persuadido que o fato de praticar realmente nesta floresta desperta nas pessoas um sentimento de respeito, e a floresta se torna então algo de sagrado. No cristianismo, no islamismo, no budismo, existem muitos lugares sagrados onde as pessoas vão fazer peregrinação. Entre aqueles que praticam na floresta, alguns não têm consciência desta relação com os outros, outros a sentem, outros enfim não a sentem absolutamente. No que me toca, eu mudo constantemente de lugar, e me criticam por isto. Às vezes, eu tenho que partir porque não posso sobreviver, ou melhor, pode ser que tenha sido convidado a ir a outro lugar. Mas posso dizer que ali onde me instalo, sempre existe um grupo que se junta a mim e que pratica comigo; depois de minha partida, certos grupos de praticantes desaparecem, e a prática acabou, mas no conjunto, a maioria daqueles que me conheceram há já uns vinte anos continuaram a praticar e não é raro que me convidem para onde praticam. Esta prática que retoma a vida pode ser comparada com uma planta que leva tempo para desabrochar e produzir uma flor: esta flor não estava morta, ela estava no interior, esperando para florescer. Dogen Zenji diz: “Os outros não sabem e nós mesmos não sabemos”. A prática nada tem a ver com o conhecimento, a prática não deve ser o resultado de um cálculo; além da prática, de sua influência, existe algo de maior que ultrapassa nossa compreensão. Certas pessoas receberam diretamente o ensinamento de Mestre Sawaki ou de Mestre Deshimaru, outros os conheceram através de livros ou por intermédio daqueles que com eles pratica-

ram. Na época, nem um nem outro não duvidavam do impacto que teriam hoje em dia. Graças ao Buda Gautama, esta prática foi transmitida e se expandiu através da sucessão de numerosos patriarcas; pela prática incessante dos budas e patriarcas, nossa prática é realizada; graças à nossa prática, este grande caminho se manifesta hoje em dia. O caminho não é um caminho que pegamos emprestado, mas um estado, como aquele estado da simultaneidade (do qual já falei) que nos permite entrar nesta prática. A prática ultrapassa de muito o estudo teórico do budismo. Pela prática, desde que entremos nestes estados, imediatamente, estamos “no coração”; é o momento absoluto, é o instante onde aquele que pratica se torna instantaneamente um buda e um patriarca. O grande caminho ultrapassa a temporalidade, no grande caminho não há nem passado, nem presente, nem futuro. Como o diz São Paulo nos Evangelhos: “Não sou eu quem vivo, é o Cristo que vive em mim”. Não é mais São Paulo, é o Cristo que vive através dele, e para nós, é a mesma coisa: mesmo que sua prática seja insuficiente, mesmo se seu corpo não está completamente maduro para esta prática, você é, apesar de tudo, prestes a realizar a prática dos budas e patriarcas. No “Gyoji”, está dito que por causa da prática incessante dos budas e patriarcas, nossa prática pode surgir; Mestre Dogen diz que com o fato de nossa prática, a prática incessante dos budas e patriarcas é realizada, o que do ponto de vista lógica, pode parecer estranha, mas é a questão do *dokan*, “o anel do caminho”: se entrarmos neste anel, não há passado, nem presente, nem futuro, se bem que tenha havido um passado e um presente.

No capítulo “Uji” do Shobogenzo, Mestre Dogen diz: “Sekito é o tempo, os mestres são o tempo, eles aparecem no tempo e o tempo os faz aparecer”. Se bem que haja passado e presente, a existência se manifesta a cada instante, e o presente absoluto, no qual não há nem passado nem presente. Tal qual uma pérola que rola num espelho, este presente absoluto se perpetua. Certas pessoas – aqui compreendidos monges – dizem: “Eu pratiquei muito duramente no passado, no mosteiro”, e eu realmente gostaria de crer nisto. “Mas, isto foi quando? – Foi há trinta anos. – E agora o que você está fazendo? – Estou velho, então estou repousando”. Neste caso, não existe mais prática, a prática não foi perpetuada. Esta continuidade da prática, difícil de ser mantida, é entretanto o aspecto mais importante, como sublinha Dogen Zenji no Zuimonki. Quando estamos doentes, pensamos em primeiro lugar em nos curar para em seguida voltar à prática; ou então que devemos manter nossa família (é claro que isto é muito importante), ou sua mãe idosa e dependente, e esperamos, esperamos, pensando que depois de sua morte, começaremos a praticar; se temos um cachorro que nos manteve companhia há anos, hesitamos a confiá-lo a alguém mais com medo que ele vá sofrer, ele é tão bonzinho! Então, esperamos que o cãozinho morra, perdemos três, quatro, ou cinco anos e quando finalmente nos cremos livres, encontramos ainda múltiplas razões para repudiar o momento da prática. “Eu farei isto”. Isto nunca é no presente, é sempre no futuro; para entrar no mosteiro, porque estamos persuadidos que precisamos nos preparar suficientemente com dinheiro, esperamos, e finalmente desistimos disto. Interromper a prática por causa destas coisas todas quer dizer que algo não funciona, e sobretudo perdemos para sempre a ocasião de realizar algo importante. Se ao contrário, nos abandonamos, se renunciamos a nós mesmos, é possível que um evento aconteça e que recebamos ajuda, compreendida aqui uma ajuda financeira. Não há nenhuma certeza, mas se você espera aquilo que isto aconteça, nunca poderá “entrar”. Este momento quando decidimos, de alguma forma, de entrar custe o que custar, não é exatamente a realização, mas é já a prática *gyoji*, a prática justa de numerosos mestres que nos precederam, de todos estes mestres citados no capítulo “Gyoji” e que Dogen Zenji chama *kobutsu* (“budas velhos”). Este momento crucial da escolha pode ser comparado com o fato de se caminhar sobre a lâmina da espada. Se você calcular, se você se perguntar: “Posso fazer isto ou não?”, então, você já está morto. Em primeiro lugar, é necessário rejeitar seu corpo, sua consciência, seu ego. Esta prática *gyoji* da qual falamos não tem nada a ver com o estudo do

budismo ou seu ensinamento. Porque o budismo recomenda não ler? Porque ler livros é um freio à prática, que todos os conhecimentos acumulados nada têm a ver com a prática, esta prática *gyoji* da qual falávamos; além da prática e do conhecimento, existe uma coisa mais vasta da qual não estamos conscientes. Para passear um cachorro, pegamos uma corda que se estende a fim de termos um pouco mais de liberdade, mas quando esta corda se desenrola ao máximo, o animal não podendo ir mais longe, é obrigado então a voltar. Para nós é parecido: depois de ter esgotado todas as razões para escapar ao caminho, num dado momento, não podemos mais nos subtrair a isto. No momento da decisão, os livros não têm utilidade alguma, particularmente as obras de Mestre Dogen, como por exemplo este capítulo “Gyoji” que nos descreve, através de histórias simples e tocantes, o que era a prática dos velhos mestres, ou o “Zuimonki”, um livro muito curto e muito fácil de ser compreendido, se bem que seja difícil de ser colocado na prática.

Leitura de “Gyoji” (volume 2, capítulo 30, p. 130)

(111) (...) Através deste meio, cada buda e cada patriarca é em si mesmo buda, se ultrapassa enquanto buda, ou realiza o espírito enquanto buda, é realizado enquanto buda sem nenhuma interrupção (...)

O texto original é bastante difícil, mas é a característica da linguagem de Mestre Dogen. Um abadia, um templo, se chama em japonês *juji* (“que salvaguarda”, “que vive para preservar”). É uma responsabilidade, mas existe algo de mais elevado, que podemos traduzir por “transcender o estado de buda”. Para chegar a ultrapassar, ou transcender, é preciso trocar “Eu sei e os outros sabem” por “Eu não sei e os outros não sabem menos ainda”. É uma das chaves para compreender a característica da escola Soto. Não há algo de fixo que seria, primeiramente obter o *kensho*, em seguida, o *inka* (o certificado) e finalmente se tornar *rosbi*. Mesmo que todo mundo lhe reconhecer e que si mesmo o saiba, é preciso esquecer disto, não tombar numa armadilha do ego. Graças a uma prática forte, a experiência vem, mas se nos apegarmos a tal experiência, se a tocamos, o ego pode novamente se manifestar, e seremos então tentados a nos comparar com outros, cairemos na doença do zen que consiste a dizer, por exemplo: “Minha experiência é mais forte que a dos outros”. Quanto a isto se diz: não reconhecer o cheiro de xixi, enquanto que aqueles ao redor não o suportam. O apego ao *kensho*, ao *inka* é um problema, e é porque é muito importante esquecer estas coisas. É preciso, mesmo reconhecendo o valor de nossas próprias experiências, ir além destas etapas e continuar a praticar. O nome *bussbin*, que quer dizer “o estado de buda”, é empregado por Dogen Zenji enquanto verbo, o que finalmente quer dizer: realizar o espírito enquanto buda, fazer de forma que este espírito de buda se manifeste a cada momento, sem interrupção e de maneira infinita, o que é muito difícil. Aqueles que pensam em escapar da prática depois de ter realizado o *satori* estão enganados, o *satori* nada é se não continuarmos a praticar após a obtenção deste.

Quando Dogen Zenji foi para a China, onde se encontrou com Nyojo Zenji, depois de ter realizado “o corpo e mente abandonados”, ele jamais disse: “Obtive a iluminação”, mas: “Ouvi grandes coisas em minha vida”. Em seguida, voltou para o Japão, e continuou a praticar e a estudar, ele ensinou, escreveu o *Shobogenzo* a fim de explicar aquilo que havia compreendido. Se você tiver grandes experiências, a maneira de conservá-las, de tratá-las, é também a prática de *gyoji*. Esta experiência não deve ser relegada ao passado, ao contrário, ele deve ser constantemente reatualizada, e é além do mais o único meio de saber se ela era autêntica ou não. Para Dogen Zenji, esta prática não é a prática de pessoas comuns (ele entrega as palavras “leigos”). Na época atual, em geral, os mosteiros organizam um ou dois *sesshins* por ano de uma duração de quatro dias, e quando os monges saem dali – eram

monges e não leigos – param de praticar. Mestre Dogen diz que poucas pessoas amam esta prática, mas é entretanto o lugar para onde todos voltam, porque é a origem. Se você volta a este lugar, este local, a esta realidade, você é realmente uma pessoa no presente, este presente dos budas e patriarcas. Este lugar é o lugar onde todos os budas do passado, do presente e também os budas do futuro dependem desta prática de hoje em dia.

Durante um *sesshin*, eu disse que o presente pode ser dividido em três partes: passado, presente e futuro; mas passado, presente e futuro podem por sua vez ser divididos em passado, presente e futuro. Os três tempos, passado, presente e futuro assim fracionados dão uma cifra nova, estas nove partes nada mais fazem do que uma somente, obtemos acrescentando o “uno” a cifra dez. Quando entramos nesta prática, ficamos religados a todos os budas, damos as mãos aos patriarcas, fazemos um círculo com eles, e neste instante, passado, presente e futuro desaparecem, existe agora somente o presente e este presente está liberado. Quando a prática é verdadeira, o passado se torna o futuro e o presente é então o presente. Este tipo de prática que fazemos aqui no *sesshin*. Quando surgem dificuldades, a prática nos ajuda a resolvê-los vindo praticar, não somente aqui, mas no dojo Mabillon ou na sua própria casa. Em nosso grupo, somos pouco numerosos, mas desde a época de Denfert Rochereau – ou seja há mais de dez anos – a prática nunca foi interrompida.

O começo do capítulo “Gyoji” nos diz que estas coisas não provêm de nós mesmos, não dependem de nossa força, elas se produzem. É muito difícil de entrar neste anel do caminho, mas uma vez tendo entrado, não há mais como sair, e pouco importa se achamos isto alegre ou triste.

*Pergunta: No Mahayana, falamos em salvar todos os seres. Queriam saber se se trata de um meio habilidoso – já que tal coisa é impossível – para de fato, ultrapassar as noções de si mesmo e outros.*

*Resposta: Aquilo que você chama de “Budismo Mahayana”, é a prática dos budas e dos bodhisattvas que compreende dois aspectos: 1) a busca de bodhi, ir em direção ao estado de buda; 2) mas, simultaneamente – e isto é um paradoxo – quando fazemos o voto de ajudar às pessoas comuns, se trata da direção para baixo. Se você praticar e entrar neste estado de jiyuu zanmai (“samadhi de si mesmo”), você não tem consciência disto, mas como está dito no capítulo “Gyoji”, graças a esta prática, muitas pessoas recebem uma influência. Vir em ajuda dos outros, é a grande compaixão que chamamos de maha karuna. Se você quer chegar a ajudar aos outros, isto está muito bem, mas como você observou, há um limite forçosamente, já que é impossível de entrar em contato com todos que sofrem. A característica de maha karuna (grande compaixão do bodhisattva) é mubem que quer dizer “compaixão sem condições”, sem limite de tempo ou espaço. Você pode fazer algo de bom para seus vizinhos ou parentes, mas claro, haverá sempre um limite já que você não poderá agir em dez anos, cem anos, ou mil anos. Entretanto, para o Mahayana, é necessário preencher todas as condições. De fato, o importante é: O que posso fazer agora? Se for possível fazer algo, faça-o. Se você realmente pratica, os méritos desta prática são imensuráveis. Quando, em nossas vidas, sobrevêm dificuldades, problemas, como os resolver? Continuando a prática. Por esta prática, a pessoa entra no caminho, você cruza com todos os budas e patriarcas, você está em contato com os budas e patriarcas do passado e do futuro, e de outra parte, você motiva os demais sem estar consciente disto você mesmo. Avaliam-se os números dos patriarcas citados nos livros em mil e setecentos, enquanto que de fato, são certamente pelo menos cinco mil; há um número incalculável de patriarcas. Nos dias de hoje, muitas pessoas praticam o zazen: os cristãos praticam o zazen, os budistas tibetanos praticam o zazen maha-mudra, e isto está muito bem. Na história do budismo zen, entre cinco ou sete escolas existentes, cada mestre sempre tinha sua própria prática, sua própria história, que contribuía ao enriquecimento do budismo zen. Entretanto, a prática de uma só pessoa nada quer dizer, o que conta é como se sentir interiormente ligado com todas estas pessoas que praticam simultaneamente a mesma coisa. Mesmo se as escolas desaparecerem, outras escolas recolheram suas práticas. Esta prática dos patriarcas nunca cessou numa época, outras as recolhem agora e as respeitam. Como resolver esta questão de salvar todos os seres? Somente praticando. Eis tudo. É a grande compaixão. Sua prática, já, vem em auxílio ao mundo todo. Muito obrigado. **Fim do sesshin.***